



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**PRODUÇÃO DO ESPAÇO COUREIRO NA COOPERATIVA ARTEZA, DISTRITO
DE RIBEIRA, MUNICÍPIO DE CABACEIRAS-PB**

IONARA DE ARAÚJO SILVA

Campina Grande – PB
Maio/2015

IONARA DE ARAÚJO SILVA

Artigo apresentado à UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE em cumprimento aos requisitos necessários para a conclusão do curso Especialização em Análise Regional e Ensino de Geografia.

Orientador: **Profº. Dr. Sérgio Luiz Malta de Azevedo**

Co-orientador: **Profº. Dr. Lincoln da Silva Diniz**

Campina Grande – PB

Maior/2015

Ao Deus Soberano e Fiel, que me carregou em seus braços quando eu não conseguia prosseguir, e preparou caminhos e pessoas especiais que encontrei. A Ele toda honra, toda glória e todo louvor pelos séculos dos séculos.

**PRODUÇÃO DO ESPAÇO COUREIRO NA COOPERATIVA ARTEZA, DISTRITO
DE RIBEIRA, MUNICÍPIO DE CABACEIRAS-PB**

IONARA DE ARAÚJO SILVA

APROVADA EM: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA:

Profº. Drº. Sérgio Luiz Malta de Azevedo

(Orientador)

Profº. Drº. Lincoln da Silva Diniz

(Examinador)

Profª. Drº. Luiz Eugênio Pereira Carvalho

(Examinador)

PRODUÇÃO DO ESPAÇO COUREIRO NA COOPERATIVA ARTEZA, DISTRITO DE RIBEIRA, MUNICÍPIO DE CABACEIRAS – PB

IONARA DE ARAÚJO SILVA

RESUMO: Este trabalho está inserido na temática Análise regional em Geografia e se detém em investigar a produção coureira na cooperativa ARTEZA situada no espaço do Distrito de Ribeira, no município de Cabaceiras–PB. Foram utilizadas como embasamento teórico a pesquisa bibliográfica em material publicado, a consulta a sites de entidades que disponibilizam estudos com indicadores e, entrevistas, para nos situarmos no conceito de região, inovação e territorialidade. Além da historiografia do município, procuramos averiguar os indicadores sociais e econômicos, dentre os quais podemos perceber o crescimento da participação industrial no PIB municipal, assim como dos outros setores da economia. Desse fato, constatamos que a organização da indústria coureira, aqui representada pela cooperativa ARTEZA, a primeira no município, é um fator relevante de ascensão do consumo interno, pelo fato de ser responsável pela modificação no padrão de vida dos envolvidos na atividade nas duas últimas décadas.

Palavras chave: Região. Cabaceiras. Distrito da Ribeira. Produção coureira.

1. INTRODUÇÃO

O teor complexo da temática Análise regional nos coloca diante de variações de possibilidades para se alcançar os objetivos da mesma. Esta complexidade revela-se pela multidisciplinaridade envolvente dessa questão, que se faz ainda mais importante na atualidade diante das transformações bruscas impostas pelo capitalismo às regiões de todo o planeta. Sendo assim, a região compreendida aqui como o espaço marcado pelas relações sociais e de produção, que contempla peculiaridades físicas e historiográficas próprias, se torna o centro da atenção no presente trabalho.

A região de Cabaceiras destacada por um dos menores índices pluviométricos do país traz consigo limitações que historicamente refletem em seu desenvolvimento social e econômico. O fato de ela está inserida no sistema de forma cada vez mais evidente na região maior a qual pertence, se deve aos esforços de aproveitamento de suas potencialidades, já há muito tempo apreciados pela academia, como é caso do turismo e da cinematografia que explora a região.

A inovação sistêmica pode ser aliada na adaptação de um território às exigências do sistema, dado que a cultura não se sobressai à sobrevivência dos indivíduos, sendo portanto parte da tradição deixada de lado para que se possibilite o compartilhamento de conhecimento dentro de uma sociedade. Ao passo que a união dos indivíduos transforma os hábitos,

acontece o ajustamento da territorialidade em função de um bem comum, se distanciando assim dos pressupostos da economia neoclássica, na qual as necessidades individuais dos agentes econômicos se destacam em detrimento do coletivo.

A região de Cabaceiras vem acentuando o uso de suas potencialidades com o auxílio de entidades tanto estatais como paraestatais¹. A criação da cooperativa de couro foi uma iniciativa dos artesãos locais suprimidos de atividade econômica adequada ao mantimento familiar. Nessa história muitas entidades já se envolveram como forma de apoio ao empreendimento coletivo que revela um pouco do histórico de Cabaceiras, pelo fato de se tratar de uma atividade que se entrelaça com a conquista e o desenvolvimento local e assume papel relevante no perfil socioeconômico da cidade, e nisto se justifica essa pesquisa.

Os indicadores surgiram com Estado de bem-estar social e suas propostas de melhoria das condições sociais, visto que o desenvolvimento capitalista deixara efeitos residuais na sociedade como o aumento da desigualdade entre as classes sociais. Sendo assim, os indicadores possibilitam aferição de diagnósticos socioeconômicos para a formulação de políticas públicas cabíveis e úteis às realidades. Aqui eles também serão nosso instrumento.

O método quantitativo é bastante criticado por muitos pensadores como o economista Bauer que discorre da seguinte forma: “pode ocorrer que a quantificação de uma situação não seja representativa de seus aspectos mais importantes” (BAUER, 1957, p. 13 apud SANTOS, 2002) e o filósofo Bachelard (*La formation de l'esprit scientifique*, p. 213 apud SANTOS, 2002) que dizia: “É preciso refletir para medir e não medir para refletir”. Aliás, Santos (2002) deixa claro que é no uso exclusivo dos números que reside o problema. Se faz necessária uma análise qualitativa da realidade concreta e seus movimentos para depois se utilizar modos de contabilizar os fenômenos (SANTOS, 2002).

Através do método dedutivo no qual o raciocínio parte de uma premissa geral para o particular, esta pesquisa procura responder qual a dinâmica da cooperativa coureira de Cabaceiras, tendo como objetivo geral analisar a realidade da atividade coureira da cooperativa ARTEZA. Os objetivos específicos abarcam: a) analisar a região de Cabaceiras no tocante ao seu desenvolvimento socioeconômico; b) situar o município frente aos indicadores na microrregião pertencente e, c) verificar a dinâmica atual da cooperativa de couro ARTEZA.

Por limitações da pesquisa não foi possível o aprofundamento nos processos bem como o estudo em todo o espaço industrial coureiro, que abarca outra indústria, sendo esta

¹ Também chamadas de parapúblicas, são organizações que mesmo não sendo estatais são mantidas com recursos públicos, como o SEBRAE e a CNI, conforme MALMEGRIN (2010).

uma micro empresa privada de organização familiar, originada também do exercício artesanal local.

Além desta introdução e da conclusão, o trabalho encontra-se dividido em mais quatro seções: revisão de literatura que traz algumas discussões sobre o conceito de região, apresenta de forma sucinta a historiografia da região de Cabaceiras-PB além expor alguns conceitos de inovação territorial. Em seguida apresentamos os procedimentos metodológicos os quais se basearam na pesquisa bibliográfica, na busca em sites de organizações como IBGE e FIRJAM e na pesquisa empírica através de entrevistas na busca de retratar a realidade local. Na seção dos resultados e discussões descrevemos os resultados obtidos na pesquisa sobre o município de Cabaceiras na Microrregião do Cariri Oriental da Paraíba em duas partes. A primeira contém a descrição dos indicadores que apontam o posicionamento de Cabaceiras na microrregião, bem como os dados socioeconômicos específicos da cidade. A segunda parte trata das entrevistas feitas na cooperativa coureira ARTEZA a fim de averiguar quais os esforços têm sido cultivados para a manutenção desse aspecto industrial na região, tendo por base as explicações de região, territorialidade e inovação. A última seção trata das referências utilizadas.

2. REVISÃO DE LITERATURA

Nossa revisão passa por três subtópicos. O primeiro alude ao conceito de região, o segundo nos remete à historiografia da região de Cabaceiras-PB e o terceiro foca em alguns conceitos de inovação territorial.

2.1 O conceito de Região

Região é um conceito amplo, muito usado e de difícil definição. É um conceito múltiplo, usado pelas mais diversas ciências não podendo assim ser delimitado e encerrado. Pode assim ser caracterizado pelo clima, vegetação e forma de ocupação, entretanto, de acordo com a reprodução do capital coexistem disparidades entre as mais diversas regiões. Neste sentido é bom lembrarmos de que o capital se instala, segundo um processo seletivo de valorização locacional, segundo o qual a inversão de investimentos encontra condições favoráveis para reprodução ampliada do capital.

Gomes propõe, no início do seu trabalho, evitar padronização do conceito de Região, para que não sejamos categóricos neste sentido, acreditamos que a fim de abriremos caminho para discussões enriquecedoras. Sobre isso ele ressalta:

Reconhecer aqui significa mais do que simplesmente assinalar a existência, significa aceitar seu uso, ser inclusivo destes outros meios de operar com esta noção, em fim,

significa conceber nesta multiplicidade a riqueza e o objeto propriamente de uma investigação científica (GOMES, 1995, p. 49).

Da palavra *regere* (latim) surge a palavra *região*, e desta forma, a expressão *regione* data da ascensão do Império Romano referindo-se aos novos espaços conquistados que se mantinham subordinados ao poder hegemônico apesar de aqueles possuírem administração local e diversidade de caracterizações sociais e culturais (GOMES, 1995; AZEVEDO, 2007).

Gomes (1995), relata o advir de três consequências através do histórico do surgimento da discussão sobre a região, no caso em apreço da produção do espaço coureiro do Distrito de Ribeira, no município de Cabaceiras-PB. Primeiramente aponta que o conceito de região exerce influência fundadora no “campo da discussão política, da dinâmica do Estado, da organização da cultura e do estatuto da diversidade espacial”. Em segundo lugar, aponta que estes citados nichos de discussão sobre a região refletem especificamente “no espaço das noções de autonomia, soberania, direitos etc., e de suas representações”. Acrescenta ainda que a geografia se destaca nestas discussões por alocar a região como conceito-chave, refletindo sistematicamente sobre este tema (GOMES, 1995, p. 52). Ademais, não rechaça os acréscimos dados pelas mudanças contemporâneas referentes à economia, ao poder, à cultura e à questão espacial no mundo.

Os fatores existentes no meio e combinados entre si retratam cada região de forma única. Além de clima, vegetação e forma de ocupação, revelam-se disparidades de acordo com a reprodução do capital. Em estudo sobre a região Nordeste (região onde se localiza o município de Cabaceiras), e seu dinamismo de acordo com incentivos e disponibilidades de recursos, Araújo (1995) trata que a heterogeneidade intra-regional revela vários “Nordestes”, com áreas mais dinâmicas onde se verifica alta concentração de investimentos Estatais e/ou privados reforçados pelo Estado e, áreas de baixo dinamismo que vivenciam outras realidades onde permanecem estruturas arcaicas revelando regionalizações diferentes.

Araújo (2006) debate a problemática da questão regional brasileira, à luz de Celso Furtado. Suas constatações reforçam que a disparidade interregional brasileira se apoia no fato da manutenção da estrutura de dominação histórica das elites, na qual poucos têm acesso a terra e educação. A autora também enfatiza a formação histórica das disparidades entre as macrorregiões do país e constata a ausência de debates nesse sentido.

Ao discutir a questão do espaço habitado, Santos (2014) explana que a transformação qualitativa e quantitativa do mesmo é uma das expressões do dinamismo do fenômeno humano. Seja o homem visto como indivíduo, como ser social por excelência, ou mesmo sob

sua adaptação às mais diversas variáveis como clima, altitudes e latitudes ou condições naturais extremas, as transformações no espaço são resultado do caráter multifacetado da dinâmica humana.

São as transformações no território que sustentam o sistema. Essas se traduzem nas organizações e reorganizações do território em função da produção capitalista. Diante disso, o estudo regional se torna relevante na atualidade para compreender as diversas formas de reprodução de um mesmo modo de produção, dadas as particularidades das regiões no globo (SANTOS, 2014).

Santos (2014) enfatiza que a região deve ser detalhada em seus aspectos econômicos, sociais políticos e culturais, tendo em vista o preexistente e o novo na mesma, de forma que nos leve a entender as causas e consequências do fenômeno estudado, e dessa forma nos permita reconhecer qual a natureza da inserção da região no contexto econômico internacional, já que para ele a noção de região insere-se num contexto global, inclusive sendo influenciada e ao mesmo tempo produto das relações sociais e da história da produção.

A distinção de três conceitos ligados à abordagem regional é feita por Haesbaert (2010): Regionalização, que se traduz no processo de construção do espaço essencialmente relacional, onde se expressam as dinâmicas de produção da sociedade, mantendo-se em constante rearticulação. Regionalidade que se molda de acordo com os costumes e simbolismos, resultando da história e da cultura, retrata a realidade vivida pelos atores da região, o “ser” regional. Enquanto que a região é tratada como “arte-fato”, propondo uma percepção que envolve concomitantemente natureza ideal-simbólica e material-funcional, além de referir-se ao regional como criação (arte) e construção já produzida e articulada (fato), ao mesmo tempo.

Outra perspectiva de abordagem da região é a que a concebe como espaço vivido e que pode ser compreendido através de três modelos: Região fluida, pelo fato de haver dificuldades de delimitação das regiões geradas pela não fixação das relações entre os homens e os lugares, acometidas pelo processo migratório ou mesmo pela recente implantação. Região enraizada, quando a organização do espaço se dá pelas ligações entre o homem e a terra, seus valores e costumes, sua fixação no espaço de vivência, como no caso de Cabaceiras, em questão. E, região funcional, caracterizada pela infra-estrutura dos grandes centros urbanos e suas inter-relações financeiras e produtivas próprias desse modelo, ademais é neste modelo que se configuram espaços de alta diferenciação, fruto de desníveis sociais e étnicos atuais (FREMONT, 1993 *apud* AZEVEDO, 2007).

Nesse sentido, a Geografia é aliada da Economia para explicar diversos fenômenos. Assim, encontramos em Gomes (1995), a menção ao modelo neoclássico da Economia pelo fato dos sistemas serem possíveis por causa das trocas e fluxos da economia local.

No modelo neoclássico, o foco se dá na manutenção do sistema capitalista para a “solução” dos “problemas” da sociedade, nele há a menção ao alcance do pleno emprego sem prejuízos de ordem financeira para quem o demanda e quem o procura. Apesar de há muito ser tido como falido é este o modelo que fomenta muitos estudos para embasar o comportamento capitalista e seus atributos, como a desigualdade da qual se alimenta por exemplo.

Ao se deter na atualidade, Gomes (1995) que contextualiza os diversos debates sobre o conceito de região, fala sobre a globalização. Na sua análise, reforça que o advento desse movimento econômico e social não foi responsável por uma homogeneização dos territórios como era pensado. Na verdade, não se mostra suprimida ou diminuída a diversidade espacial, e segundo o autor, é o momento de “estabelecer que na afirmação de uma regionalidade há sempre uma proposição política, vista sob um ângulo territorial” (GOMES, 1995, p. 72).

A economia mundializada que mantém o capitalismo não promove a homogeneidade das regiões, porque o capitalismo sobrevive da heterogeneidade no globo. É na manutenção desta que reside sua lógica. Contudo, podemos ressaltar aqui, sem arrefecimento, o processo de aculturação (FREMONT, 1980 *apud* AZEVEDO, 2007), que se revela numa padronização de comportamentos (AZEVEDO, 2007), e que na atualidade se mostra principalmente nas formas de consumo e modificações da demanda, essencialmente no que se refere à distinção do essencial do supérfluo.

Diante dos muitos significados do termo globalização, encontramos um ponto em comum: “o fato de revelar a capacidade do homem de apropriar-se rapidamente, através do desenvolvimento técnico-científico e dos sistemas de poder, das riquezas do mundo” (AZEVEDO, 2007, p. 88). Outra questão apontada por Azevedo (2007), diz respeito aos reflexos do movimento da globalização, que é movido predominantemente pelo fator econômico. Os reflexos são negativos e direcionados à família, a qualidade de sua convivência fica comprometida pelas migrações ou longos itinerários percorridos rotineiramente. Ademais, a região não se reconhece como espaço vivido, ela se vê reduzida à lógica econômica na qual está inserida (AZEVEDO, 2007).

Sob os aspectos teóricos mencionados, seguimos com nosso objeto de estudo, no tópico subsequente.

2.2 *Histórico da cidade de Cabaceiras*

A ocupação da região dos sertões se deu na fase colonial, por causa da expansão da pecuária, que por sua vez responde as demandas provocadas pela expansão do cultivo do açúcar no litoral nordestino. Na fase inicial da colonização, o gado e a cana coexistiam no litoral, sendo que a pecuária servia de suporte para os engenhos de açúcar. O crescimento do rebanho provocou o deslocamento dessa atividade para o interior. Dessa forma, nos rincões sertanejos a escassez de água fez com que as fazendas se alocassem próximo aos cursos d'água, distribuindo-se assim, por todo o sertão do Nordeste a atividade pecuária. Nessas áreas coexistiu com a pecuária uma agricultura de subsistência, conforme explicação de Marques (1994).

Marques (1994), ressalta que a expansão da pecuária no Nordeste no séc. XVIII deriva o comércio coureiro. No final daquele século, o algodão também adentra a economia do interior do Nordeste, que se tornou pecuário-algodoeira exportadora, em função de fatores naturais e a expansão comercial desse produto nessa época ser favorável ao cultivo do algodão Mocó. A pecuária retorna como principal atividade da região no séc. XX, após a crise algodoeira no final do século XIX², advinda pela concorrência internacional. O apoio do Estado foi primordial nessa fase. Políticas públicas e crédito para modernização do setor foram empreendidos, em meio a muitos programas em prol do desenvolvimento regional

Aos poucos a mentalidade empresarial se consolida entre os produtores ao passo que o Estado, ao longo da década de 1970, fomenta a tecnologia por meio do tripé: crédito rural a juros subsidiados, cooperativismo e assistência técnica, de forma específica ao tipo de produtor e região. Tal movimento favoreceu principalmente os grandes produtores, porém o campesinato não ficou totalmente de fora. Alguns programas Estatais foram direcionados aos pequenos produtores, concomitantemente às ações realizadas sob a lógica capitalista. Entretanto, não foram de grande valia. A artificialidade do ambiente criado para a vida camponesa produziu enclaves na área reformada (MARQUES, 1994).

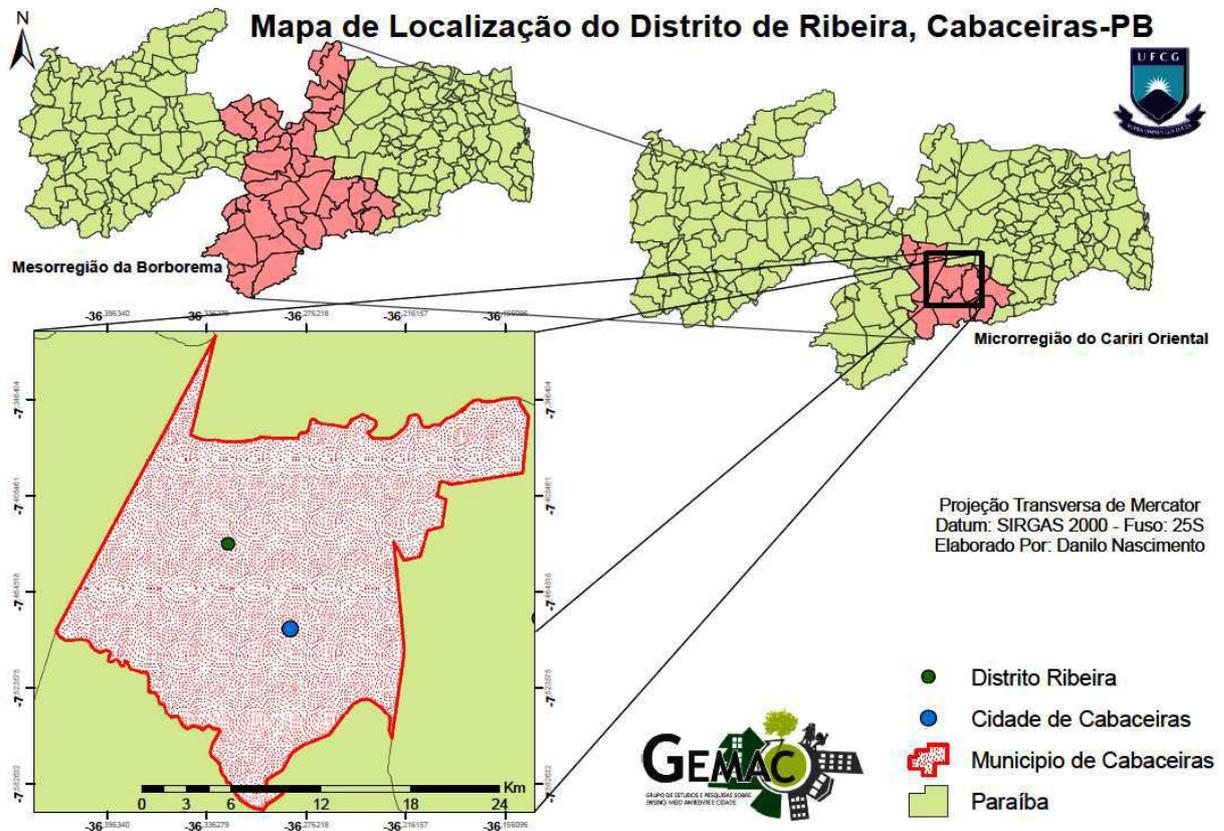
² De acordo com Moreira (2009) a produção algodoeira, como processos econômicos, não se extinguiu, virtude do fracasso do mercado de exportação na década de 1860. Segunda a mesma autora, a fase de expansão dessa lavoura teve continuidade até as primeiras décadas do século XX.

A economia sertaneja marcada pelas secas recorrentes que provocavam constantes migrações foi também atingida pelas crises no mercado do gado e do couro. O couro foi interpolado como produto essencial na vida daquela sociedade. Ademais, os sertanejos acostumaram-se a extrair o máximo do próprio meio os insumos à sobrevivência, que além do couro, utilizavam o leite e seus derivados na alimentação, conforme Marques (1994).

Cabaceiras-PB surge nesse contexto de povoamento e expansão da atividade criatória dos sertões. Foi em Boqueirão que se iniciou a penetração no Cariri Paraibano com a instalação da *missão de índios cariris*. Segundo o relato do padre capuchinho francês Martinho de Nantes, a aldeia fora descoberta em meados de 1670 por Antônio de Oliveira Ledo. A partir desse fato, bandeirantes e missionários se espalharam pelo Cariri. Cabaceiras foi ocupada em meio à interiorização da pecuária com a guerra contra os índios da região, não se distinguindo das demais cidades (S/ REFERÊNCIA).

O mapa que segue retrata localização de Cabaceiras e do Distrito de Ribeira, como podemos observar.

Mapa 1: Localização do município de Cabaceiras e do Distrito de Ribeira – PB.



Elaborado por Danilo Antônio Nascimento Santos (Graduando de Geografia pela UFCG).

O trabalho de Marques (1994) enfatiza a história de Ribeira, Distrito do município e Cabaceiras, onde se localizam duas das três indústrias existentes no município, mais precisamente, as de couro. A autora divide a história socioeconômica de Ribeira em dois períodos: do séc. XVIII a fins do séc. XIX à década de 1990, quando realizou sua pesquisa. O primeiro caracteriza-se pela abundância com o domínio da atividade pecuária nas fazendas, onde se reproduziam as relações sociais na época. No segundo período há a afirmação da condição camponesa, empobrecimento e maior importância da atividade agrícola de produção familiar.

Ainda sobre o primeiro período supracitado, Marques (1994) disserta que pelo fato da melhor adaptação à região, a criação de caprinos ocorria em grande escala, visando a subsistência. Ainda neste período o couro desses animais foi gradativamente ganhando importância comercial. A produção de couro curtido é mais recente, entre o final do séc. XIX e início do século XX, com a difusão da atividade artesanal de roupa de couro em Ribeira. Antes disso, utilizava-se o couro cru.

A atividade mercadológica derivada da criação de caprinos e ovinos consolida-se no séc. XX, juntamente à integração dos Sertões à dinâmica nacional através do melhoramento das estradas. Embora permanecessem as grandes propriedades pecuárias, o campesinato predominou em Ribeira, foi um momento de transição para os proprietários de terra, ocorrido entre o final de séc. XIX e início do séc. XX. Em um cenário heterogêneo, conviviam grandes propriedades e a produção familiar, onde o rebanho caprino se sobressaia ao bovino, como principal fonte de renda (MARQUES, 1994).

O melhoramento técnico e o cercamento das propriedades em Cabaceiras foram possíveis através de estímulos por parte do Banco do Brasil de Campina Grande, no início da década de 1940. Isso provocou muita movimentação na área, atraindo pessoas ao engajamento nos criatórios. Enquanto que alguns enricaram, outros perderam terras nessa divisão. O movimento continuou. Possuir terra significava ter acesso às linhas de financiamento, nos anos 60. Os estímulos do governo se centravam na inovação técnica e repercutia na valorização das terras. Esta modernização reduziu o espaço para a pecuária prática em regime extensivo, que ainda sofriam com os problemas advindos do ambiente semi-árido que também comprometia a agricultura de subsistência (MARQUES, 1994).

Para a população pobre a produção de carvão, já a partir dos anos 50, foi uma alternativa para sobrevivência em períodos de seca. Atividade esta, constituíam agravantes e vulnerabilizavam e fragilizavam o meio em que eles viviam. O êxodo rural já era uma realidade na luta pela sobrevivência. Outra alternativa foi a cultura do alho na região de Ribeira, assim como em todo Cariri Paraibano, ancorada por um programa Estatal no final dos anos 70. Inicialmente foram formados grupos para tal produção, posteriormente, com o poder de aquisição de equipamentos próprios, alguns produtores continuaram na atividade de forma individual. Essa produção conteve o processo migratório e rendeu melhoria de vida no geral da população, não apenas nos envolvidos diretamente, como também na oferta de empregos indiretamente ligados ao cultivo (MARQUES, 1994).

2.3 Inovação e territorialidade

Sob a perspectiva de que a região de Cabaceiras é historicamente ligada a terra e sua produção é o principal meio de vida desde os primórdios de sua ocupação, e que diante das suas fragilidades, a população foi se adaptando às novas relações de produção, este tópico nos introduz a concepção de um tipo de inovação, no qual a colaboração, a união dos indivíduos de uma comunidade, é o motor para sua implantação e manutenção.

Conforme Marques (1994) o espaço na sociedade urbano-industrial é compreendido através da análise da reprodução das relações de produção capitalistas existentes nele. O processo de produção inclui a apropriação da terra como meio de produção.

Na concepção de Albagli e Maciel (2004) os conhecimentos específicos de cada território devem ser reconhecidos e capitalizados, e que tirar proveito dessas características é uma questão central que influencia o desenvolvimento de políticas, justamente pelo fato da discussão teórico-metodológica apontar os processos e estratégias de desenvolvimento local/regional. As autoras evidenciam que o conhecimento da realidade e das necessidades locais é importante para adquirir vantagens competitivas, na medida em que as particularidades locais podem ser transformadas em “valorização econômica, [além de] promover padrões de desenvolvimento mais sustentáveis, em termos sociopolíticos, econômicos e ambientais” (ALBAGLI; MACIEL, 2004).

Dessa maneira, as autoras citadas explicam que a compreensão desses fatores amplia a atenção, que não se detém apenas na dimensão técnico-econômica, mas passa à dimensão socioespacial. E harmonizando-se no tempo/história e no espaço/território, a informação, o conhecimento e a inovação envolvem-se como construtores socioculturais e expressões da

dinâmica político institucional (ALBAGLI; MACIEL, 2004) como podemos observar no município estudado.

Para Albagli e Maciel (2004), as aglomerações produtivas são territórios favoráveis à análise, pois seu espaço é distinto em conhecimento, aprendizado e inovação interativos. Portanto são espaços complexos nos âmbitos social e econômico. Partindo dessa visão, as autoras expressam alguns aspectos para a compreensão da dinâmica cognitiva e de inovação local:

a) os processos de geração, difusão e uso de conhecimentos, especialmente aqueles derivados das particularidades da cultura produtiva local, bem como os conhecimentos sobre com quem cooperar e interagir (*know who*); b) o conhecimento e o aprendizado resultantes das interações locais, particularmente aqueles gerados de modo não-intencional; c) não apenas a cooperação formalmente estabelecida, mas também e principalmente os vários tipos de interação informal; d) o caráter sistêmico do aprendizado e da inovação, reconhecendo o papel de cada ator local para a geração do conhecimento coletivo e de uma inteligência local; e) os canais de comunicação entre os agentes, como parte essencial do sistema de inovação local, e a diversidade institucional como fator crucial das oportunidades de comunicação; f) os resultados não apenas para a competitividade dos agentes econômicos, mas também e sobretudo para o desenvolvimento socioeconômico local; g) a capacidade de cada organização interagir e cooperar, bem como, a partir dessas relações, gerar conhecimento e promover o aprendizado e a inovação (ALBAGLI; MACIEL, 2004, p. 15).

Ao tratar do processo de inovação e seus resultados dependentes da realidade específica, o entendimento dos termos territorialidade e capital social é destacado por Albagli e Maciel (2004), considerando os fluxos de conhecimento e aprendizagem interativa.

A territorialidade se desenvolve na medida em que os atores sociais interagem entre si e com o meio em que vivem. O termo remete ao sentimento de pertencimento dos indivíduos, e é percebido nas várias escalas geográficas (localidade, região ou país). Reflete a convivência dos atores sociais além das esferas cultural, política e econômica (ALBAGLI; MACIEL, 2004).

A territorialidade capitalista, apesar de imposta, apresenta variações de acordo com essas esferas citadas. De acordo com a explicação de Marques (2004), um exemplo disso são os recortes feitos no território capitalista com o modo de vida camponês. A territorialidade do modo camponês de viver se afasta da territorialidade imposta pelo sistema capitalista, ao mesmo tempo em que aquela se associa de forma gradual, conforme o grau de adaptação aos valores dominantes (MARQUES, 1994), assim como no caso estudado neste trabalho.

Segundo ainda essa autora Marques há variação de intensidade da territorialidade, conforme a situação, uma vez que a territorialidade pode ser determinada de várias maneiras

como regras sociais e culturais ou mesmo pelo emprego do poder e da força bruta. A autora explica que os direitos de propriedade da terra “é uma manifestação de territorialidade que aparece como essencial, geral e neutra nas diferentes sociedades” (MARQUES, 1994).

Ainda sobre a territorialidade, Marques (2004) disserta que apesar de ela ser global na sociedade capitalista, pode apresentar conflitos, por causa da disparidade das práticas sociais cotidianas e seus segmentos sociais, que se revelam em diversidade e contradições nas unidades organizadas no território capitalista. Ademais, a autora expressa que há dois tipos de territorialidade agindo simultaneamente no sistema, são elas: a territorialidade suportada ou impositiva e a territorialidade desejada ou socialmente definida. Na primeira, os interesses da minoria dominante sobressaem aos da maioria dominada. Há imposição do modo de vida. No segundo tipo, predomina a ação conjunta de um determinado segmento social em prol da otimização de suas atividades. Neste caso, são as interações sociais que definem o território (MARQUES, 1994), de fato, esse tipo último tipo foi encontrado na região em questão, sobretudo no caso da atividade coureira atual.

Sobre essa ação conjunta, o capital social que predomina na literatura percebido como análogo ao consenso normativo e às associações, sendo ele um fator de coesão da sociedade e de dinamismo econômico, segundo abordagem de Albagli e Maciel (2004). Sendo assim, as autoras explicam que o capital social pode alimentar o conhecimento interativo e a cooperação nas redes sociais, além de facilitar as “ações coletivas geradoras de arranjos produtivos articulados”. Para isso, o capital social precisa ser resultado do processo das relações sociais em redes e de sua produção de conhecimento, favorecendo assim a inovação (ALBAGLI; MACIEL, 2004).

Dentre as vantagens apresentadas pelo capital social, estão “maior facilidade de compartilhamento de informações e conhecimentos” proporcionados pela cooperação, confiança, referências socioculturais e objetivos comuns, e “melhor coordenação de ações e maior estabilidade organizacional, devido a processos de tomada de decisão coletivos” (Lin *et alii*, 2001, *apud* ALBAGLI; MACIEL, 2004). Opondo-se assim à teoria neoclássica da economia que prega a individualidade racional no mercado, o conceito de capital social compreende estruturas sociais onde os atores e os recursos estão imersos nas relações ali estabelecidas (ALBAGLI; MACIEL, 2004).

Esta faceta do capital está imbuída na cultura da cooperativa de couro de cabaceiras, sendo este o fator mantenedor da mesma, representado tanto pelo fator pecuniário em si como o transformado em maquinário e nas instalações comuns a todos, e no capital humano

empregado nas atividades onde se gera e se transfere informações. Aqui cabe a ressalva que foi extinta possibilidade de cooperativas auferirem recursos, por isso, para que a atividade não se interrompa é preciso o cultivo do espírito de ajuda mútua entre os cooperados.

Capital social é explicado por D'Araújo (2010) como expressão da “capacidade de uma sociedade de estabelecer laços de confiança interpessoal e redes de cooperação com vistas à produção de bens coletivos”. A argamassa que, em prol do bem comum, mantém as instituições em contato mútuo e vinculadas ao cidadão. A autora define Capital social por três fatores inter-relacionados: confiança, normas e cadeias de reciprocidade e sistemas de participação cívica. Diferindo de outros capitais, este “constitui um bem público, não é apropriado privadamente nem produz resultados individuais” (D'ARAÚJO, 2010).

Albagli e Maciel (2004) chamam atenção para contribuição das noções de capital social e territorialidade na compreensão dos processos de inovação e seus resultados em casos particulares, como é o caso da Ribeira, dos objetos e sujeitos estudados nessa pesquisa. Nesse contexto, essas noções não podem ser tratadas como “externalidades”, ou seja, como mero efeito ou acessório do processo. As autoras ressaltam que a inovação local não se desenvolve apenas com a cooperação entre empresas e instituições de pesquisas, mas também conta com uma “pluralidade de outros atores que também detêm diferentes tipos de conhecimentos e competências relevantes aos sistemas produtivo e tecnológico”, atores que além dos já citados, podem ser clientes, fornecedores, competidores e até organizações do terceiro setor, dentre outros (ALBAGLI; MACIEL, 2004). Esse fato pode ser exemplificado no caso de Ribeira.

Entendemos assim que as noções de capital social e territorialidade devem ser entendidas como parte totalmente integrante do processo, encontrando-se endógenas nessas dinâmicas socioeconômicas específicas e conseqüentemente nas inovações e em seus resultados.

Ferrão (2002) enfatiza que a inovação e sua contribuição para as dinâmicas territoriais, como centro dos fatores de desenvolvimento, tem se destacado desde os anos 80. Isso confere a este fenômeno uma natureza sistêmica e espacial ao mesmo tempo em que provoca nos estudos regionais a análise dos efeitos dessa interação de conhecimentos e o meio no qual essas relações se desenvolvem.

A visão sistêmica de inovação, conforme Ferrão (2002) difere da visão convencional de inovação que, segundo suas palavras, é “claramente sequencial, hierárquica e

descendente”, por desencadear-se linearmente a partir de uma descoberta científica (Atividades I&D), seguindo com a construção de protótipos para experimento. Dessa forma a inovação proveniente da visão convencional pode ser apropriada por qualquer entidade, pois a tecnologia desenvolvida é genérica. O autor elenca três tipos principais de estudos, nos quais a Geografia e a ciência regional em geral, desenvolveram baseadas nessa visão, são eles:

- padrões de localização das actividades de I&D, visando detectar a existência de disparidades regionais neste domínio;
- mecanismos de difusão espacial das inovações, procurando construir uma teoria geográfica com base em dois grandes tipos de difusão espacial (hierárquica e por contágio);
- relações Universidade/empresas, com o objetivo de averiguar o impacto das instituições de ensino superior e de investigação sobre a capacidade de inovação das empresas localizadas na mesma região (FERRÃO, 2002, p. 18).

Por outro lado, a visão sistêmica de inovação evidencia a capacidade das organizações de inovar através da combinação de diferentes conhecimentos e informações. Esta visão está alinhada com a teoria Shumpeteriana³. A inovação resulta das relações onde há troca de conhecimentos em processos interativos. Sendo assim, se faz tão importante conhecer as características das organizações envolvidas como as do meio em que atuam, meio este que não necessariamente é próximo geograficamente. Estas informações podem circular em um meio físico ou funcional (FERRÃO, 2002). Muitas das informações hoje utilizadas na produção coureira de Ribeira originaram-se da interação histórica com a cidade de Campina Grande, o que ainda se mantém.

Por sua vez, Ferrão (2002) não descarta que a geração desses novos conhecimentos é beneficiada por “externalidades positivas de proximidade”, que são as “economias de aglomeração, acumulação de competências técnicas específicas ao nível local, implantação de actividades complementares, etc.”, e explica que dessa constatação originou-se vários modelos teóricos de inovação de base territorial. Porém, esclarece que esta natureza “localizada” de produção de conhecimentos não se restringe necessariamente ao meio físico, a um mesmo território. Ela pode se desenvolver em redes organizacionais próximas funcionalmente, apesar da distância geográfica.

Baseando-se em Krugman (1994; 1996) Ferrão explica⁴ que há dois tipos de externalidades de proximidade. O primeiro mencionado são as “externalidades de

³ Teoria do economista Joseph Shumpeter que trata sobre a inovação como base para o desenvolvimento capitalista, sendo ela a maneira de superar as crises cíclicas do sistema.

⁴ Baseando-se parcialmente nas contribuições de KRUGMAN, Paul. *Development, geography and economic theory*. Cambridge: MIT Press, 1994; KRUGMAN, Paul. *The self-organizing economy*. Oxford: Blackwell,

comunicação”, quando se incluem as interações não mercantis entre os agentes do meio, que induzidos pela proximidade física têm em comum normas de comportamento e práticas culturais, mesmo que deste contexto sociocultural derivem práticas interempresariais por influência mútua. O segundo tipo são as “externalidades pecuniárias”, que dada à proximidade física dos agentes empresariais locais, se realiza na compra de bens e serviços especializados que revela a dimensão e diversificação do mercado. Estas variáveis oscilam de acordo com cada território, isso implica dizer que quanto maior a densidade dessas externalidades, maior o potencial de inovação da região (FERRÃO, 2002).

No tocante ao semiárido, algumas mudanças têm sido encorajadas por uma *rede de entusiastas* (diversas organizações, poder público local, criadores bem sucedidos, profissionais da área) relatada por Gonçalves Júnior (2010). O combate à resistência ao aprimoramento da cadeia produtiva da caprinovinocultura tem sido o fundamento dessa rede que procura disseminar e facilitar a disseminação de conhecimento entre os atores envolvidos na criação de caprinos principalmente. O autor enfatiza que esta mentalidade resistente parte dos pequenos agricultores, que permanecem com a atividade voltada apenas para subsistência, uma cultura que atravessa gerações. Dessa forma, a implantação de mudanças que adequem essa atividade ao potencial econômico da região se torna uma empreitada difícil, pois dificulta inclusive a implementação de políticas públicas (GONÇALVES JÚNIOR, 2010).

A pesquisa de Gonçalves Júnior (2010) abarcou três experiências semelhantes (nos estados do Rio Grande do Norte, Paraíba e Ceará) com a caprinovinocultura no Nordeste. Para tanto foi necessária a interação com diversos atores dos também diversos segmentos sociais envolvidos nessa atividade. Averiguou-se o comum entrave de que mesmo que ovinos e caprinos (principalmente), acompanhem a história dos sertões ao longo dos séculos, seu potencial econômico de resistência às características da região vem sendo historicamente ignorado, restringindo-se à pequena produção para consumo doméstico ou no máximo de mercados próximos.

A esta resistência, interpretada como um problema cultural regional, sem explicações concretas para tal comportamento, adere-se o fato da perpetuação da pobreza de muitos dos pequenos agricultores. Os que aderem às práticas mais modernas e extensivas para a criação desses animais se tornam disseminadores, “um exemplo a ser seguido”, superando qualquer argumentação por parte dos técnicos. É a partir do sucesso, decifrado pela melhoria de renda e consequente patamar de vida, que os outros se interessam pelas inovações. A este

comportamento antecipado pela desconfiança e observação, os atores-chave descrevem de “a disseminação técnica da inveja” (GONÇALVES JÚNIOR, 2010). O caso da Cooperativa ARTEZA se assemelha a tal fato, como podemos verificar no depoimento do sócio fundador.

Conforme explanação de Gonçalves Júnior (2010), essas experiências aliadas à atuação do poder público têm se tornado capazes de mudar paradigmas, ao passo que essas comunidades que imbuídas pelo “espírito público”, permitem o enraizamento dessas práticas. Dessa maneira, ficam evidentes que ao mesmo tempo em que se consolidam avanços nas práticas de mercado, os vínculos e laços sociais ampliam-se o que de forma coletiva permitem o fortalecimento de projetos de desenvolvimento social, e reflete no aumento do dinamismo econômico (GONÇALVES JÚNIOR, 2010).

Isso nos remete ao que tratamos na construção desse tópico: inovação local, desenvolvimento através do potencial regional, cooperação entre os atores do meio e o meio envolvente, visão sistêmica da inovação e questões relacionadas, tratadas pelos autores supracitados. E, nesse sentido, se torna relevante o entendimento sobre a atividade cooperativa. Diante do histórico da cidade, a formação de uma cooperativa de couro foi uma inovação de repercussão socioeconômica. Porém, para tanto foi preciso inicialização na cooperação entre os indivíduos, o que não fazia parte da tradição local.

As noções distintas de cooperação, cooperativismo e cooperativa são tratadas por Rêgo (2009). Conforme o mesmo, a ideia de cooperação está atrelada aos princípios da solidariedade, da integração, da igualdade e da justiça social, traduzindo-se numa ação coletiva em função de um bem comum, desde os tempos remotos. O ato de cooperar permite melhores alcances no desenvolvimento socioeconômico e se encontra em todas as esferas da sociedade, desde o núcleo familiar ao mais elaborado núcleo produtivo. No sentido produtivo, o autor ainda ressalta que a cooperação é alimentada pela competição, estando esta paralela àquela. De modo que a cooperação é estabelecida para o fortalecimento dos envolvidos frente à competição mercadológica. Todavia, as bases da cooperação podem ser abaladas na medida em que ocorre o fortalecimento da competição, sob o entendimento que o individualismo se sobressai no comportamento humano.

O cooperativismo surgiu em resposta ao aprimoramento do capitalismo visto que este se baseia na de exploração máxima do trabalhador em função do lucro, motor do sistema. Rêgo (2009) menciona que o cooperativismo foi ideado a partir das críticas à sociedade capitalista do século XVIII, no período da revolução industrial. Sendo assim existem diversas correntes socialistas que tratam do cooperativismo como forma atenuante dos resíduos do

exercício capitalista já claramente expostos naquela época como o desemprego, exploração exaustiva e proliferação da miséria na classe trabalhadora.

Dessa forma, cooperativa se define como o exercício dos fundamentos do cooperativismo, e ainda segundo o autor, no século XIX ocorreram as primeiras experiências cooperativistas brasileiras, contudo apenas a partir de 1970 adquiriram expressão nacional inclusive com o aparecimento das cooperativas de beneficiamento do algodão na Paraíba no decorrer desta década (RÊGO, 2009).

Nisso nos baseamos para explicar que a cooperativa ARTEZA iniciou o processo de mudança de cultura na região de Cabaceiras. Onde se “escondia” certos processos, numa competitividade arcaica, firmada em uma ideia de mundo restrita apenas à localidade, atualmente os indivíduos praticam a ajuda mútua como fator mobilizador de sua atividade e de sustentação na competitividade mercadológica, além de preservar a individualidade familiar. A mudança de mentalidade foi forçada pela mudança necessária à sobrevivência no sistema.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Por assinalar a primeira etapa de uma pesquisa sobre uma temática, a qual não se conhece profundamente esta pesquisa tem cunho exploratório. Quanto ao procedimento técnico apresenta-se como uma pesquisa bibliográfica, pelo uso de material publicado, além de se tratar de uma pesquisa post – facto, por se tratar também de uma investigação empírica sobre a formação e dinâmica atual da cooperativa de couro de Ribeira em Cabaceiras. A abordagem teórico-metodológica da pesquisa é regional, sob a orientação dialética e crítico-social.

Primeiramente foram levantados os dados junto aos sites das instituições IBGE, FIRJAM e Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, no intuito de coletar dados que retratassem a situação socioeconômica do município apreciado. Quanto a formas de coleta e análise dos dados, é qualitativa, utilizando-se também de duas entrevistas focais, que possibilitaram a fala livre da gerente da ARTEZA – A1 e do presidente e sócio fundador da cooperativa – A2.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nossos resultados encontram-se divididos em duas partes que seguem explicando a atual situação socioeconômica do município de Cabaceiras, ressaltando um pouco de sua evolução e a dinâmica atual interna da indústria em forma de cooperativa ARTEZA, que encontra-se atrelada à dinâmica socioeconômica da cidade, ao se caracterizar com uma

atividade que acompanha a história da cidade e que hoje é responsável pelos rendimentos de grande parte das famílias da região .

4.1 Indicadores sócio econômicos

Diante do exposto, não poderíamos passar despercebidos pelo uso da quantificação na Geografia. Muitas análises debruçadas sobre regiões aproveitam a Geografia Quantitativa moderna que consiste em analisar os fenômenos através de números, aproximando as perspectivas conceituais com o concreto observado no cotidiano.

Dessa maneira, nos valem dos indicadores numéricos na procura de nos aproximarmos da realidade objeto do nosso estudo, cientes da não possibilidade de perfeita mensuração de muitos processos pelos quais o local atravessou e de que não podemos cair no determinismo estatístico.

Nessa perspectiva, o município de Cabaceiras com população de 5.035 habitantes em 2010, e estimativa de 5.386 habitantes para 2014, o possui 452,922 km² e densidade demográfica de 11,12 hab/km², segundo dados do IBGE. A Microrregião do Cariri Oriental da Paraíba é composta por doze municípios, compreendidos na Tabela 1 que segue, com alguns de seus respectivos indicadores.

Cabaceiras apresenta concentração de renda que se assemelha a média da microrregião, revelada pelo índice de Gini. A porcentagem de pobres ultrapassa os 30%, no ano de 2010 (IBGE), no entanto é menor do que nos municípios de Alcantil e Barra de Santana que possuem proporções mais próximas a 50% da população total. O Atlas de desenvolvimento do Brasil ainda apresenta dados dos anos 1991 e 2000 com 72,43% e 56,32% respectivamente. Isso demonstra uma melhoria significativa no status econômico da população local em duas décadas. Para tal análise, considera-se a proporção de pessoas com renda domiciliar per capita inferior a R\$ 140,00.

A renda per capita média em 2010 estava em R\$ 283,93, consideravelmente inferior aos municípios de Barra de São Miguel, Caturité, São João do Cariri e São Domingos do Cariri. Os três primeiros possuem população em quantidades próximas à de Cabaceiras. Desses, Caturité apresenta PIB superior aos demais. Conforme o Atlas de Desenvolvimento Humano do Brasil a renda per capita média de Cabaceiras cresceu 112,62% nas últimas duas décadas, o que indica que o município, obteve ganho no crescimento econômico local neste período, apesar de sua posição relativa na microrregião. Porém na dimensão Renda que

compõe o IDHM, que mede a renda média mensal dos indivíduos, essa variação não apresenta grande expressão (tabela-2).

Tabela1: Indicadores socioeconômicos dos municípios da microrregião do Cariri Oriental

Município	População (1)	IDHM (2)	Índice de GINI (2)	Renda Per capta 2010 R\$ (2)	% de pobres 2010 (2)	% nível superior (≥ 25 anos)(2)	PIB R\$ (3)	PIB Per capta (3)
Alcantil	5.425	0,578	0,48	245,01	41,92	2,33	27.450	5.196,98
Barra de Santana	8.300	0,567	0,50	211,08	49,70	1,51	38.972	4.757,95
Barra de São Miguel	5.865	0,572	0,45	302,44	31,77	2,98	30.832	5.429,18
Boqueirão	17.530	0,607	0,46	319,11	30,31	3,74	136.971	8.036,76
Cabaceiras	5.386	0,611	0,46	283,93	34,32	2,42	29.304	5.692,26
Caraúbas	4.085	0,585	0,45	296,38	32,00	3,45	22.632	5.728,08
Caturité	4.747	0,623	0,56	371,05	32,76	3,43	41.473	9.019,87
Gurjão	3.344	0,625	0,45	288,53	32,13	5,78	18.987	5.905,90
Riacho de Santo Antônio	1.890	0,594	0,43	275,73	33,46	4,22	12.064	6.774,00
Santo André	2.553	0,600	0,47	273,72	32,13	1,89	15.818	6.215,32
São Domingos do Cariri	2.543	0,589	0,47	341,56	28,06	5,15	14.295	5.822,73
São João do Cariri	4.337	0,622	0,53	373,55	28,35	4,37	25.101	5.825,22

Fonte: (1) IBGE Cidades@, estimativa 2014; (2) Atlas Brasil 2013, índices referentes ao ano de 2010; (3) IBGE 2012.

Em relação ao nível de escolaridade, em 2010 Cabaceiras apresentou uma porcentagem de 2,42% de pessoas maiores de 25 anos, que concluem o nível superior. Ainda neste ano 22,71% eram analfabetos, 26,77% tinham o ensino fundamental completo, 17,81% possuíam o ensino médio completo, conforme a mesma fonte.

Atlas do desenvolvimento humano, revela que o IDHM (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal) quase dobrou em duas décadas, o que em 2010 representa que o município encontra-se em posição mediana de desenvolvimento (0,611) considerando que quanto mais próximo de 1, melhor a situação do desenvolvimento do município. Podemos averiguar que Cabaceiras saltou para a condição mediana no desenvolvimento no quesito “Renda” nesse período, demonstrado pelo baixo crescimento do índice nas duas décadas analisadas e disponíveis no Atlas. Este indicador nos mostra que o padrão de vida e a capacidade sanar as necessidades básicas não estão estagnados e evoluem com pequenas variações no cálculo do IDHM Renda.

Entretanto, através do índice de Gini, que também varia de 0 a 1 esclarecemos a respeito do grau de concentração de renda, de modo que neste caso, quanto mais próximo de 1, maior será a concentração de renda, ao contrário quando se afasta de 1, piora a situação do município quanto a este fator. O caso de Cabaceiras se mostra bom tendo em vista que a concentração de renda vem diminuindo, mesmo que fragilmente como mostra a tabela - 2. Além de que, os dois movimentos concomitantes de aumento da renda e diminuição da concentração, mesmo que sejam em pequena escala, revelam ampliação do bem estar geral da população.

Tabela 2: IDHM e Índice de Gini do município de Cabaceiras –PB entre 1991 e 2010

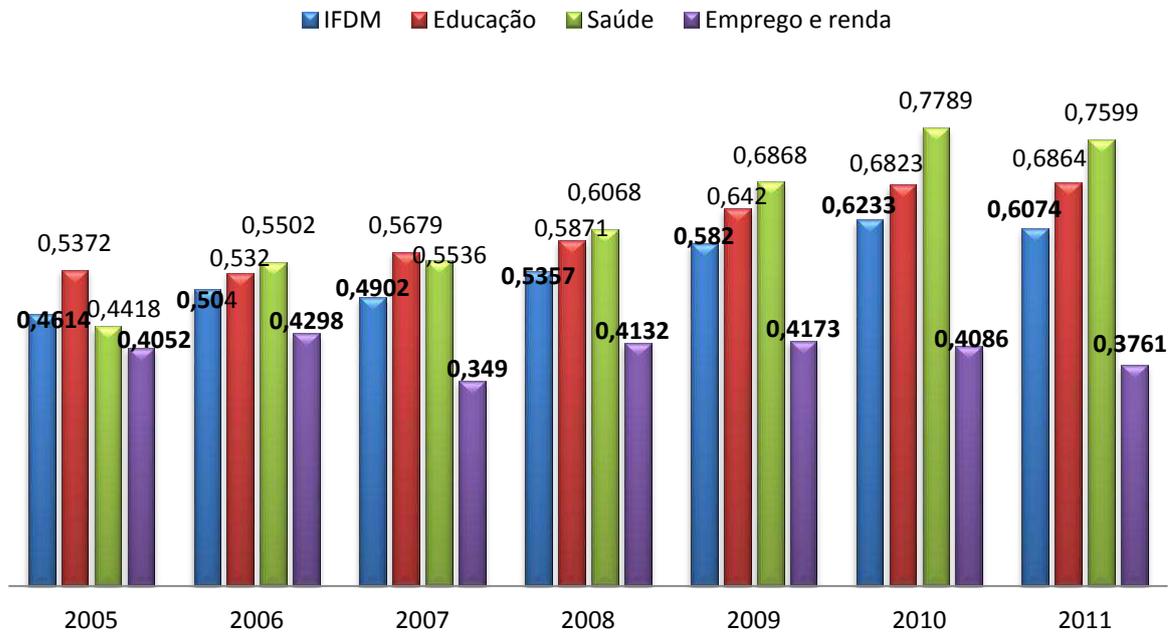
Indicador/Ano	1991	2000	2010
IDHM Renda	0,452	0,507	0,574
IDHM Longevidade	0,572	0,684	0,759
IDHM Educação	0,168	0,300	0,523
IDHM (Cálculo das variáveis anteriores)	0,352	0,470	0,611
Índice de Gini	0,55	0,50	0,46

Fonte: Atlas do desenvolvimento Humano no Brasil 2013. Elaboração própria.

Quanto ao IFDM (Índice Firjam de Desenvolvimento Municipal), o município se localiza em posição regular (0,4 a 0,6), no tocante ao emprego e renda o índice aponta baixo desenvolvimento (de 0 a 0,4), como podemos verificar nos valores socioeconômicos do gráfico a seguir, corroborando o IDHM. O IFDM, criado em 2008, é elaborado com base nas estatísticas oficiais, pode variar entre 0 (mínimo) a 1 ponto (máximo) e pode ser dividido em quatro faixas de acordo com o desenvolvimento atingido: baixo (de 0 a 0,4), regular (0,4 a 0,6), moderado (de 0,6 a 0,8) e alto (0,8 a 1) desenvolvimento, e disponibiliza dados apenas

até o ano de 2011, porém em edição 2014. De forma que, quanto mais próximo de 1, melhor o desempenho do município - gráfico - 1:

Gráfico 1: IFDM Cabaceiras



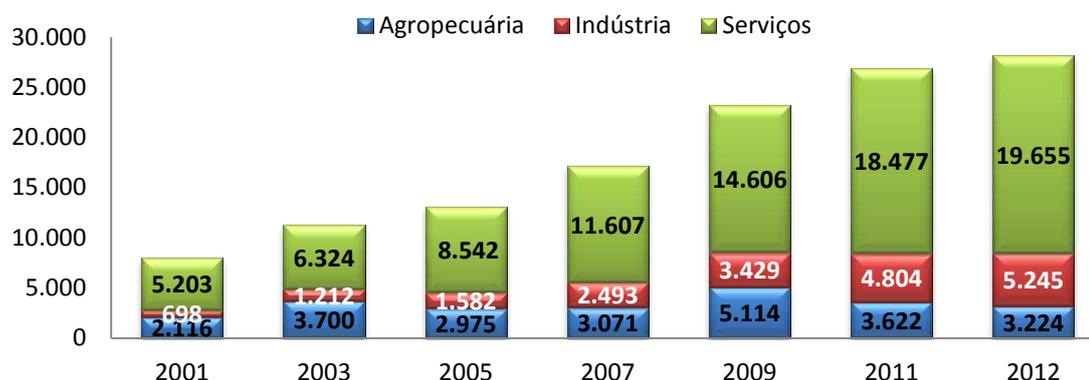
Fonte: FIRJAM. Elaboração própria

Salienta-se que no caso deste indicador de desenvolvimento, quanto mais próximo de 1, mais desenvolvido se mostra o município, e desta maneira, valores superiores a 0,8, serão considerados de alto desenvolvimento. Sendo assim, o emprego e a renda no município não se destacam de forma positiva ao longo do período intercalado entre 2005 e 2011. Quanto à definição do IFDM emprego e renda, esta é explicada pelo IPEADATA no campo “Social” como resultado de uma média ponderada de nove indicadores advindos da Relação Anual de Informações Sociais (Rais) e do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), duas bases do MTE (Ministério do Trabalho e Emprego). Como vimos, neste quesito, o desenvolvimento se mantém lento inclusive regredindo nos últimos anos, se mantendo distante da saúde e da educação, e de forma acentuada a partir de 2006.

O PIB de Cabaceiras apresenta-se em evolução como consta no gráfico -2, uma tendência efetivamente crescente na economia de Cabaceiras-PB, de 2001 a 2012. Em uma década o PIB mais que triplicou, e isso se deve principalmente à contribuição dos serviços, estando em segundo lugar a indústria. Esse fenômeno não se encaixa no processo de

desindustrialização⁵, mas justamente no contrário, pois a atividade e consequentes valores industriais vêm crescendo, o que o gráfico mostra claramente, ainda que aparente o fenômeno da atividade dos serviços se sobrepor às atividades industriais, o que é tendência no Brasil e no mundo. Ademais, quanto a isso, não se verificou indícios de fechamento de indústrias na região.

Gráfico 2: Composição (R\$) do PIB de Cabaceiras de 2001 a 2011 em anos intercalados e 2012.



Fonte: IBGE Cidades@. Elaboração própria.

Lentamente a participação industrial se acentua no produto interno do município, esse fator pode estar colaborando com o crescimento na participação dos serviços, já que de fato foram constatadas mudanças no padrão de consumo de muitas famílias ligadas diretamente à transformação do couro em Ribeira, ademais, alguns dos produtos do setor industrial são comercializados na cidade.

No caso de Cabaceiras a agropecuária está intimamente ligada à indústria coureira, pois é do uso do couro caprino (principalmente) que se mantém suas atividades de transformação. O IBGE Cidades@⁶ relata, sobre a criação animal, no senso agropecuário de 2006, que a cidade possuía 14.817 cabeças da espécie caprina e 7.955 cabeças da espécie bovina, apesar de não residir apenas nestas criações as atividades do setor, pois se constataram 10 mil cabeças de aves entre outros rebanhos com menor representatividade.

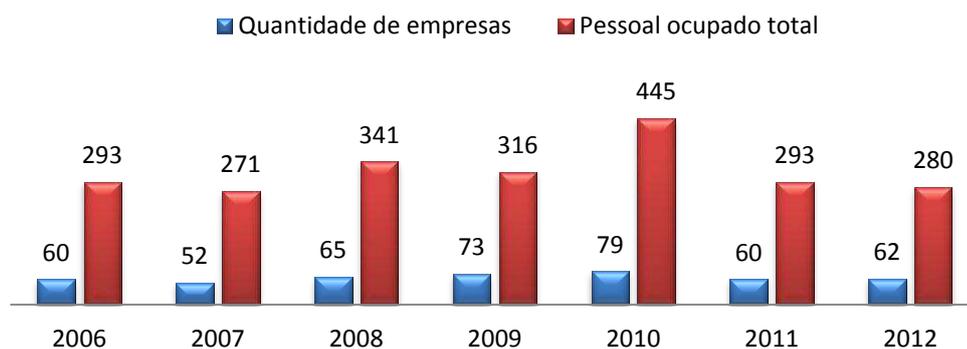
⁵ Fenômeno em que os serviços sobrepõem à atividade industrial, no qual há queda constante e acentuada da participação industrial no PIB nacional.

⁶ Dispõe de dados sobre todos os municípios brasileiros.

Com relação às estatísticas do cadastro central de empresas de 2012, o IBGE Cidades@ relata 62 unidades de empresas atuantes, com 280 pessoas ocupadas no total, com salário médio mensal de 1,6 salários mínimos. No Censo demográfico de 2010 constam, dentre as pessoas ocupadas com 10 anos ou mais de idade, cuja atividade principal era a indústria de transformação, 204 homens e 78 mulheres, e 12 homens na indústria extrativa. Dentre os trabalhadores qualificados da agropecuária, florestais, e da pesca, com 10 anos ou mais de idade, fazem parte 238 homens e 48 mulheres.

Apenas três indústrias compõem o quadro de transformação da cidade, conforme, se pode deduzir em visita feita em Cabeceiras e no distrito de Ribeira. No centro da cidade se localiza a Cooperativa de leite – CAPRIBOV–, e no Distrito de Ribeira, uma cooperativa de couro – ARTEZA –, e uma micro empresa privada familiar de artesanato em couro – ECONATIVAZ. De fato, as empresas não variam muito em quantidade, como revela o gráfico - 3, porém conforme dados anteriormente citados, o PIB se mostra crescente, tanto neste setor como nos de serviços, o que indica aumento na produção industrial e maiores rendimentos nos serviços, o que reflete de forma positiva no bem estar social local do aludido município.

Gráfico 3: Quantidade de empresas e de pessoal ocupado no município de Cabeceiras-PB.



Fonte: IBGE Cidades@. Elaboração própria.

Das indústrias da região, a ECONATIVAZ que trabalha com artesanato em couro se configura como microempresa e, conforme tradição da região, essa surgiu a partir do exercício artesanal desempenhado por uma família que desejou formalizar suas atividades e expandir as vendas, além de divulgar a marca. Fundada em 2007, a empresa atua com 12

funcionários e vem participando de eventos do setor, sendo apoiada pelo SEBRAE, SENAI e pela prefeitura de Cabaceiras em seu desenvolvimento.

No tópico subsequente, procuramos adentrar na dinâmica e história da cooperativa coureira da cidade, a indústria de maior representatividade na região.

4.2 A Cooperativa ARTEZA

A Cooperativa dos Curtidores e Artesãos em Couro de Ribeira de Cabaceiras localiza-se no Distrito de Ribeira, e vem operando com rendimento anual de aproximadamente R\$ 600.000,00, conforme entrevistada A1, o que a coloca como empresa de médio porte, conforme critérios do SEBRAE. Um ponto comercial é mantido no centro da cidade onde os cooperados dispõem aos moradores e visitantes alguns de seus produtos. A cooperativa trabalha tanto com o couro de bovinos como o couro de caprinos, vindos não só da criação local, mas de outras partes da Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Pernambuco, de acordo com entrevistado A2, cooperado fundador. Este mesmo cooperado, explica o porquê da matéria prima vir de outros lugares:

Por que a gente trabalha com a pele classificada. Essa pele é uma pele do animal maior. E quando a gente sai à procura, é mais difícil de encontrar. Então o quê que a gente faz? A gente fecha contrato com salgadeiras, que elas *junta* 30, 40, 50, 60 mil peles por mês. Então o contrato que a gente faz é que ela separe a pele maior, a gente vai lá e compra, 2000 num canto, 1000 noutra, 700 noutra, 800 noutra...

Ainda conforme se pode deduzir da entrevista o couro de bovinos é mais dispendioso do que o de caprino. O primeiro é comercializado por quilo, com preço de R\$ 3,00, e explicou que o couro de um boi de 200 quilos de carne rende 25 quilos de couro. Já o couro de bode é vendido por peça com preço entre R\$ 9,00 a R\$ 12,00, dependendo do tamanho. Porém há oscilações neste mercado. Há poucos dias “a gente *tava* comprando a quinze reais”, explica. Ademais, os dois tipos não concorrem na produção da ARTEZA. Cada tipo tem destinação própria, com destaque para a maleabilidade do couro de bode, sendo de muita utilidade para artesanato. Dessa forma, o couro de boi fica na produção de celas para animais e arreios, por exemplo, o que ele chama de “parte mais grosseira” para o homem do campo, o vaqueiro. A parte nobre do couro de boi vai para solado de sandálias e bolsas femininas, por exemplo. Esta parte é denominada de “flor do couro”, que compreende a parte sem defeito a qual é utilizada nos produtos de primeira qualidade. A diferenciação da qualidade do couro é feita no curtume, de forma que os artesãos já recebem o couro pronto e qualificado.

Hoje o curtimento do couro por parte desses artesãos se dá de forma inovadora, com o mínimo de agressão ao meio ambiente, através do tanino vegetal, o que difere esta produção de 90% da produção mundial que ainda poluem o meio com o cromo, produto altamente tóxico (GONÇALVES JÚNIOR, 2010).

Acrescente-se que a cooperativa foi criada em 31 de julho de 1998. O entrevistado A2 relata que a atividade de curtir couro é centenária e que a tradição ligada às atividades pecuniárias, era passada de pai para filho, e não cabia de maneira alguma contar para membros de outras famílias como se realizava o trabalho. O relato do depoente exemplifica bem esta tradição:

Meu avô era sobrinho da mulher que fazia a roupa do vaqueiro, e ele foi lá falar com ela pra aprender, aí ela disse: “não, eu não ensino não! Ensino de maneira nenhuma”. Se eu ensinar a você, você toma minha freguesia. Era a história que meu avô contava. Aí ele chegando em casa, o pai dele era criador, fazendeiro na época, aí disse a ele (ele tinha 17 anos). Aí ele disse: “pai encomenda uma roupa de couro à minha tia pra eu trabalhar no mato. Eu tô me arranhando todo”. Só que a ideia dele não era essa, pra trabalhar. Aí ele encomendou (“O senhor vai fazer?” [filho], “Vou!” [pai]) a roupa de couro pra ele trabalhar no mato. Quando meu avô recebeu essa roupa de couro, desmanchou, desmanchou todinha tirou os moldes, e começou por aí. [...] foi um dos maiores fabricantes de roupa de couro. Eu lembro dele trabalhando. [...] Virou um profissional e pra aprender foi assim. Também ensinou aos filhos. Todos os filhos dele sabe trabalhar, continua trabalhando na área.

O cooperado A2 ainda explica que na crise do alho, na década de 1980, passaram muitas dificuldades. Durante a fase em que a produção era de 300 a 350 toneladas ao ano, a comunidade de Ribeira se acomodou de forma que passava seis meses trabalhando e seis meses gastando o que rendia do seu trabalho. No entanto, explica que seu pai trabalhava com as duas atividades, o couro e o alho. Era uma família de 16 pessoas. Então quando a atividade do alho já havia decaído, a comunidade se despertou novamente para a atividade coureira. Segundo ele “um colega dizia: “Rapaz, eu queria que você me desse umas dicas *se não*, eu não tenho como ganhar dinheiro!”. Assim a atividade foi se disseminando e crescendo na região.

O movimento iniciou-se dez anos antes da fundação, em janeiro de 1988. Após o falecimento do pai do entrevistado A2. As reuniões iniciaram em meio às dificuldades com 28 cooperados. Alguns se afastaram por que suas expectativas de melhoras, no curto prazo, foram frustradas. Cinco famílias ao todo se uniram nas atividades. A desconfiança é revelada no trecho da fala do entrevistado “Aqueles que ficaram acompanhando de perto e fazendo foram crescendo, e os outros ficaram olhando, quando viram que quem *tava* de dentro mesmo *tava* melhorando de vida, aí foram chegando, foram se chegando, se chegando”.

Atualmente são 72 sócios pertencentes a 55 famílias da região que vivem apenas em função dessa atividade, todos com um padrão de vida que lhes permite a aquisição, por exemplo, de carro e moto, conforme entrevistado A2. Segundo o mesmo, são 275 pessoas ao todo que compõem as famílias que vivem dessa atividade, além de mais de 100 pessoas que trabalham como diaristas, os quais não são sócios, mas são pagos pela sua prestação de serviços, e chegam a auferir renda muitas vezes maior que os que são fixos na produção. A diária desse tipo de trabalhador custa R\$ 50,00, porém com o cumprimento da tarefa contratada, está dispensado da atividade, cabendo assim à sua habilidade o tempo necessário para a realização da mesma.

A ARTEZA realizava inicialmente reuniões semanais. Hoje o grupo se demonstra através da fala do entrevistado A2, exaurido de reuniões não apenas as internas, mas as que contam com a participação de entidades. O que pode prejudicar o andamento da cooperativa. A organização está em período de eleição, com o final deste mandato, sendo eleita a chapa que em sua composição abarca um terço da diretoria atual, há previsão de reuniões trimestrais para prestação de contas e discussão sobre as necessidades, de acordo com o sócio presidente atual e concorrente ao mesmo cargo nesta chapa.

Com o fim do crédito para cooperativas ficou mais difícil sobreviver no mercado. Quando há a necessidade de comprar algum equipamento, um dos cooperados faz a transação em seu nome, porém o item adquirido é pago pela cooperativa. Logo após o fim do pagamento, o equipamento passa a pertencer a cooperativa legalmente, conforme explicação do presidente da cooperativa.

Há pontos implícitos e explícitos na fala do entrevistado que revelam um histórico de discordância entre os cooperados, como é de se esperar em qualquer organização. Um fato marcante é a ausência do espírito corporativo, pelo fato de muitos não entenderem ou criarem barreiras quanto aos gastos recorrentes da organização. A tentativa de caracterizar as ações do grupo escolhido para gerir, como capazes de levar o empreendimento sem que haja a necessidade de consultas a todo instante do grupo liderado, é recorrente na entrevista. Outra questão relevante é a de que não aparecem informações de troca de gerência do curtime, ficando o grupo dependente do sócio fundador para decisões importantes. No longo prazo, o andamento da organização pode comprometer-se por falta de pessoal treinado para tal atividade, que demanda poder de decisão e comando. Mesmo em se tratando de um bem comum, um objetivo coletivo, a inserção na produção capitalista impõe preparo e espírito competitivo da organização.

Outra questão ainda não resolvida é a montagem de um laboratório para tingimento do couro. O entrevistado revela que a cooperativa já possui todo o equipamento necessário, mas para que o laboratório seja utilizado é preciso colocar a máquina de tingimento para funcionar. A máquina precisa de reparos que, segundo o entrevistado, só pode ser feito por pessoal especializado e de mão de obra escassa no Estado. Para a efetivação desses reparos cooperativa está dependente de uma única pessoa deste ramo, a qual está ocupada com montagens de máquinas de grandes supermercados. Para suprir a necessidade de tingimento do couro, o material é deslocado a Campina Grande, o que aumenta os custos de produção.

A produção é familiar, separada pelo tipo de produto fabricado (divisão social do trabalho em nível familiar). Sendo assim, cada família se especializa em algum produto, e espera chegar seus pedidos. Muitas vezes, algum sócio trabalha para outro sócio de melhor padrão de vida, que possui máquinas e equipamentos e sua própria oficina. O entrevistado cita atividades de gerenciamento e de produção de fato, nesse tipo de relação. Então se recebe pelo produzido naquele mês. Do rendimento de toda produção, 5% é destinado ao caixa da cooperativa, para manutenção dos custos fixos como energia, e os custos variáveis como pagamento de mão de obra no conserto das máquinas e troca de peças desgastadas. Esta informação é importante, pois fica evidente que as máquinas não passam por revisões periódicas, mas são reparadas apenas quando necessário, e isso se torna uma fragilidade diante da concorrência.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O histórico de Cabaceiras e do distrito de Ribeira é marcado por tentativas de sobrevivência vem se moldando em vistas a se adequar a lógica do desenvolvimento capitalista. A partir do relato exposto podemos inferir que a formação da cooperativa ARTEZA, foi impulsionada pelo movimento cooperativista brasileiro, entretanto, muito mais pela necessidade de união da população de Ribeira em torno do objetivo comum de sobrevivência, se denotando como um processo de inovação na região. Porém se mostra forte ainda a doção de inovações tecnológicas, e as dificuldades em se trabalhar e gerenciar coletivamente um bem que serve aos interesses individuais.

Uma inovação em um território marcado por uma história de divisórias entre grandes e pequenos proprietários, pelas limitações relacionadas ao aspecto físico e pelas severas oscilações econômicas, se torna a superação de uma população. A inovação no processo de transformação do couro, refletiu econômica e socialmente. A cooperação é a base para

manutenção do quadro industrial do município estudado. É através da cooperação que a comunidade atravessa as dificuldades do meio e auferem renda.

Cabaceiras não se destaca como o município melhor colocado na microrregião a respeito dos indicadores socioeconômicos, porém é nítido o crescimento acentuado de seu produto interno bruto em todos os setores além de alcançar bons indícios de desenvolvimento como a melhoria na distribuição de renda, descritas em nossos resultados, através do exposto inferimos que o nível de bem estar social vem aumentando nas duas últimas décadas.

As dados nos revelam que a produção total cresce acentuadamente ao passo que os indicadores retratam grande variação na renda. Nota-se que o crescimento da renda é mais lento no processo. Todavia, não se estagnou no período e se torna bem mais expressiva quando nos aproximamos da região, como mostra a fala do sócio presidente da cooperativa de couro sobre a diferenciação do padrão de vida atual dos cooperados.

A estreita ligação da indústria com a criação de caprinos é acentuada, mas percebe-se uma fragilidade na região quanto à mesma. A criação de caprinos tão erguida pela literatura não contempla os padrões exigidos pela cooperativa de couro em sua atividade mercadológica, sendo necessários recorrer aos rebanhos de outras localidades para abastecer a demanda. No tocante aos serviços, a cooperativa mantém um ponto comercial onde comercializa alguns de seus produtos no centro da cidade.

A participação da indústria no PIB da cidade, se mostra como base para o desenvolvimento local da economia de Cabaceiras, industrializando os processos herdados dos seus primórdios. A evolução do PIB por setor mostra sobreposição do setor de serviços à atividade industrial de transformação, porém, como podemos perceber, os esforços no setor industrial fundamentam o avanço da economia local, do aumento de renda e ainda refletem tanto na produção agropecuária como no setor de serviços, considerando a comercialização dos produtos da indústria estudada, e o poder de compra dos indivíduos envolvidos.

O Capital social tem relevante participação nessa ascensão da região estudada. No contexto contemporâneo de globalização e necessidade de inserção e na economia mundial, essa cooperação em prol do bem coletivo se tornou um diferencial para a sobrevivência dos atores da região no sistema. As mudanças ocorridas nessa localidade se devem a esta alteração do comportamento dos artesãos que caracterizam a região desde sua inicialização.

Sendo assim, sugerimos para pesquisas posteriores uma análise do quadro geral industrial do município, incluindo a cooperativa de leite CAPRIBOV, e averiguar a ascensão

das atividades do setor de serviços na formação do Produto Interno Bruto nos últimos anos que por limitações desta pesquisa não foram verificados.

6. REFERÊNCIAS

- ALBAGLI, S.; MACIEL, M. L. Informação e conhecimento na inovação e no desenvolvimento local. *Ciência da Informação*, Brasília, v.33, n.3, p. 9-16, set./dez. 2004.
- ARAÚJO, T. Bacelar de. Revisitando a questão regional. *Cadernos do desenvolvimento- Ano 1*, n. 1. Rio de Janeiro, 2006.
- _____. Nordeste, nordestes: que nordeste? *Desigualdades regionais e desenvolvimento*, p. 125-56, 1995.
- Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil 2013. Disponível em: http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/cabaceiras_pb#vulnerabilidade. Acesso em: 05/12/2014.
- AZEVEDO, S. L. Malta de. Mundo globalizado: região e o ensino de geografia (considerações iniciais). PINHEIRO, A. da Paz (Org.). *Paisagens educativas: saberes, experiências e práticas educativas*. Colégio Diocesano, Teresina, 2007.
- COSTA, Fernanda. Relatório Estadual de Avaliação dos Planos Diretores Participativos do Estado da Paraíba. Rede Avaliação para a implementação dos Planos Diretores Participativos. Ministério das Cidades, Recife, Março, 2010.
- D'ARAÚJO, Maria Celina. *Capital social*. 2 ed. Rio de Janeiro, Zahar, 2010.
- FERRÃO, João. Inovar para desenvolver: o conceito de gestão de trajetórias territoriais de inovação. *Revista Internacional de Desenvolvimento Local*. Vol. 3, N. 4, p. 17-26, Mar. 2002.
- GONÇALVES JUNIOR, Oswaldo. “Práticas de mercado” e reestruturação de laços sociais: uma combinação possível? *Cadernos Gestão Pública e Cidadania*, São Paulo, v. 15, n. 57, p 161- 179, 2010.
- GOMES, P. C. da Costa. O conceito de região e sua discussão. CASTRO, I. E. de.; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L.(Orgs). *Geografia: conceitos e temas*. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 1995.
- HAESBAERT, Rogério. Região, regionalização e regionalidade: questões contemporâneas. *Antares*, n. 3, p. 2-24, Jan/jun 2010.
- IFDM (Índice Firjam de Desenvolvimento Municipal). Disponível em: <http://www.firjan.org.br/ifdm/> . Acesso em: 05/12/2014.
- IBGE Cidades@. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=250310&search=paraibalcabaceiraslinfograficos:-informacoes-completas>. Acesso em: 07/12/2014.
- MALMEGRIN, Maria Leonídia. *Redes públicas de cooperação em ambientes federativos*, UFSC, 2010.
- MARQUES, Marta Inez Medeiros. O modo de vida camponês sertanejo e sua territorialidade no tempo das grandes fazendas e nos dias de hoje em Ribeira – PB. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo 1994.
- MOREIRA, Emília de Rodat Fernandes. *Processo de Ocupação do Espaço Agrário*. Paraíba <http://www.ndihr.ufpb.br>. Acesso em: 13 de maio de 2015.

RÊGO, Eduardo Ernesto do. Cooperativismo e território: questões sobre a Coapecal em Caturité-PB. 2009. 116 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

SANTOS, Milton. A Geografia quantitativa. SANTOS, M. Por uma Geografia nova: Da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica. Ed. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

SANTOS, Milton. Metamorfoses do Espaço Habitado. 6º ed. 2. Reimp. EdUSP, São Paulo, 2014.

(S/ REFERÊNCIA).